

A INSERÇÃO DE UM CONTEXTO SITUADO NO LEGADO DA PRODUÇÃO HISTORIGRÁFICA DA EDUCAÇÃO

Diomar das Graças Motta¹

Resumo: Na produção do conhecimento sobre a História do Maranhão, questões que afloraram na educação, desde o século XVII pouca ou nenhuma atenção recebeu. A historiografia da educação centrada no sudeste e sul brasileiro omite os eventos das outras regiões. Estas evidências contribuíram para direcionar este estudo, na busca da inserção do legado de um contexto situado, no caso, o maranhense, cuja produção historiográfica irrompeu na década de 1970 e vem se ampliando paulatinamente. Destacamos intelectuais que produziram a História do Maranhão e tangenciaram a História da Educação; e o que se faz, para a veiculação do legado emergente.

Palavras chaves: Produção historiográfica; Educação; Maranhão.

Abstract: In the production of the knowledge on the History of the Maranhão, questions that had arisen in the education, since century XVII little or no attention received. The historiografia of the education centered in the Southeast and Brazilian south omits the events of the other regions. These evidences had contributed to direct this study, in the search of the insertion of the legacy of a situated context, in the case, the maranhense, whose historiográfica production burst in the decade of 1970 and comes if extending gradually. We detach intellectuals who had produced the History of the Maranhão and tangenciaram the History of the Education; e what one becomes, for the propagation of the emergent legacy.

Words keys: Historiográfica production; Education; Maranhão.

O conhecimento histórico no contexto maranhense teve sua produção, inicialmente, a cargo de intelectuais como Jerônimo Viveiros (1884- 1965), Antonio Lopes da Cunha (1889- 1950), sendo ampliado por Mario Martins Meireles (1915-2003) e, atualmente, Carlos Lima ao lado do legado das universidades públicas: Universidade Federal do Maranhão – UFMA e Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Entretanto esta produção, no que concerne ao campo educacional, apenas tangencia questões relativas às suas instituições, com destaque para estrutura e organização curricular, privilegiando-se as fontes normativas, como leis, decretos, mensagens, regulamentos e outros documentos oficiais.

Face a esta constatação, foi implantado em 2003 o Núcleo Maranhense de Memória e História da Educação – NUMHE, situado no Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação da UFMA, objetivando aglutinar e expandir a produção historiográfica da educação

¹ Universidade Federal do Maranhão – UFMA;
Doutora em educação pela UFF.

maranhense. A razão da sua objetivação deve-se, ainda que tímida, à produção resultante de teses, dissertações e monografias que desde a década de 1970, vem ocorrendo de forma dispersa. A tentativa de expansão tem sido expressa, em parte, através dos encontros de História da Educação maranhense em sua segunda edição, neste ano.

Outra vertente desta expansão tem sido a participação em projetos oriundos de instituições de educação superior do nordeste e sudeste.

Com isto estruturamos este estudo em torno de duas questões centrais; o legado e a sua inserção, sustentadas por fontes escritas, apoiado nas discussões de Nóvoas, um dos historiadores da educação, mais promissor da atualidade.

O legado

A história da educação tem procurado, enquanto campo, se firmar especialmente, desde o início do século XIX com o curso de Durkheim (1858-1917) em Paris. No Brasil, no fim do século XIX tem-se a primeira obra sobre História da Educação de autoria de José Ricardo Pires de Almeida, escrita em francês – *L’Instruction publique au Brésil: Histoire et Legislation (1500-1889)* e traduzida somente um século depois, ou seja, em 1989. Todavia serviu de referência em parte das obras da História da Educação nos anos de 1920 a 1940. Mas a pesquisa neste campo data da segunda metade do século XX, através dos núcleos de estudo da pós-graduação.

No contexto, em que nos situamos – o espaço maranhense, a presença da educação na historiografia tem-se com Claude d’Abbeville (? - 1616) o seu precursor. Acerca da educação ele aborda a fundação do seminário para meninos franceses e indígenas em 1612, ao lado da capela de São Francisco. (Lima, 2006:185)

Em seguida temos a contribuição de Cesar Augusto Marques, que através do seu Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão, publicado em 1870 com 609 p. traz em seus verbetes, muito da educação maranhense com bastante detalhe sobre os colégios criados desde o século XVII, a exemplo, o Colégio de N. Sr^a. da Luz fundado pelos padres da Companhia de Jesus, em 10 de julho de 1687 e funcionando até 1761, após o banimento e proscricção dos jesuítas em 1759, isto no período colonial. Na transição Reino Unido/Império contamos com o Seminário Episcopal de Santo Antonio fundado em 1838 e o Liceu Maranhense em 1839, ao lado do Colégio N. Sr^a dos Remédios fundado em 1866, por Dr. Domingos Feliciano Marques Perdigão (...), motivo pelo qual era chamado vulgarmente de

Colégio Perdigão. Este é considerado o primeiro colégio particular laico, só para meninos no Maranhão. Ainda, neste verbete, há menção sobre o Colégio N. Sr^a da Glória fundado em 1844 por uma senhora espanhola, viúva do jornalista João Antonio Garcia de Abranches – fundador do primeiro jornal; o Censor Maranhense. Entretanto as informações mais detalhadas acerca do seu cotidiano, estrutura administrativa e alunado encontram-se no romance *O Captiveiro*, publicado em 1941 por Dunshee de Abranches, neto da fundadora, que constrói sua memória e, por conseguinte, a do colégio, utilizando como fonte principal as cartas que enviou ao marido durante o exílio na África, outros impressos e a obra: *O espelho crítico e político da Província do Maranhão*, editado em fins de 1821, em Lisboa pela Typographia Rolandiana.

Outra contribuição foi de Antonio Gonçalves Dias (1823- 1864) (... cujos relatórios da instrução pública do norte e nordeste do país, encontram-se na obra pioneira de José Ricardo Pires de Almeida, sobre a Instrução pública do Brasil de 1500 a 1889). O poeta Gonçalves Dias quando da coleta de informações para suas obras foi tomado por profunda desolação, pela ausência da documentação; e as poucas existentes em estado lastimoso e em completa desorganização. Era o ano de 1851 que havia sido designado para proceder um estudo sobre a Instrução Pública do Pará à Bahia e para tanto teria que levantar as fontes escritas em bibliotecas, arquivos de mosteiros e repartições públicas em oito províncias, dentre elas o Maranhão. Os detalhes da sua busca inglória de fontes que alimentassem o seu estudo encontram-se na Revista do IHGB n° 16 p. 70-84, publicação de 1853, no antigo intitulado “*Exames nos arquivos dos mosteiros e das repartições públicas para a coleção de documentos históricos relativos ao Maranhão*”. Com isto nosso legado de há muito sofre com uma memória educacional incompleta.

Em sendo a questão da memória documental crucial para a produção histórica, não só em educação, mas para o seu fazer de um modo geral, é que contamos com a iniciativa do catedrático de História Universal do Liceu Maranhense, Antonio Lopes da Cunha (1889-1950) ao fundar o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, em 20 de novembro de 1925 juntamente com outros onze professores, tanto da educação básica como da superior. A sua crença era de que não existe povo que não tenha sua história escrita e as populações que não se preocupam com tal, perdem conhecimentos, passados oralmente as suas gerações. O que complementou Canedo, (2007:18) ao sublinhar: “a memória falha muitas vezes e a imaginação fértil altera os fatos”.

Apesar de inúmeras obras deixadas pelo professor, jornalista e poeta, Antonio Lopes sobre a História do Maranhão, do negro, dos transportes e da imprensa e outra inacabada

sobre: A história, a tecnologia e a violência; não houve de sua parte nenhuma dedicada à educação, embora fizesse alusão a sua necessidade não só nestas (obras) como em seus artigos nos jornais. Comportamento usual da maior parte dos historiadores, ainda que sejam catedráticos e professores.

Outro intelectual, que avança sobre o legado educacional é o professor Jerônimo Viveiros, pois na produção historiográfica, a Revista de Geografia e História da IHGM contempla uma separata intitulada: *Apontamentos para a história da instrução pública e particular do Maranhão*, na qual privilegia a história institucional e a cultura escolar. Em todas as suas obras, como a História do Comércio do Maranhão, os seus quatro volumes trazem um capítulo sobre a educação, com a palavra de colaboradores como: Manoel Francisco Pacheco (1874-1952) – Fran Pacheco, jornalista expulso de Portugal, exilado no Maranhão, catedrático do Liceu e grande crítico da qualidade da educação pública, à época.

Com estes saltamos para a década de 1970, quando a pós-graduação em educação desponta no Maranhão, em convênio com o extinto Instituto de Estudos Avançados em Educação – IESAE, da Fundação Getúlio Vargas - FGV e parte das dissertações versam sobre a História da Educação. Numa atitude de preocupação, pouco usual em nosso contexto, com essa produção a UFMA e a Secretaria de Educação do Estado publicam oito obras com estudos concernentes a educação popular, do campo, superior, política educacional, abrangendo os períodos imperiais e republicanos. Outras pesquisas têm sido efetuadas e publicadas o que vem ampliando, paulatinamente o legado da História da Educação no Maranhão.

A inserção

Esta conduta tomamos como as atividades que têm sido desenvolvidas no campo da história da educação, procurando promover sua amplitude e divulgação. Dentre estas temos os Encontros Maranhenses de História da Educação, já em sua segunda versão, com mais de uma centena de trabalhos apresentados, os quais têm priorizado o século XIX, com objetos como história do livro, dos impressos escolares, das instituições de ensino, da relação de gênero com ênfase a mulher professora.

Eventos fora do estado também têm propiciado esta inserção, sobretudo no Nordeste, que vem se constituindo como um espaço promissor de veiculação do conhecimento da

historiografia da educação, com deslocamento para o sertão, visto que muito do que se tem divulgado tem privilegiado o litoral brasileiro. Nesta perspectiva se tem pensado historicamente a educação maranhense em muitos lugares, como assinala Nóvoa (2005:13) que “é tentar imaginar outros destinos”. Estes destinos têm sido vislumbrados com a participação da educação maranhense em coletâneas de âmbito nacional, a exemplo, das a seguir:

- a) Anísio Teixeira na direção do INEP: Programa para a reconstrução da nação brasileira (1952 – 1964), organizado por Araujo e Brzezinski e publicado pelo INEP, em 2006. O Maranhão além de discorrer sobre a aludida experiência, acrescenta a do Centro Integrado de Educação do município de Colinas, como parte das ações educacionais da Igreja Católica local.
- b) Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da Infância no Brasil (1893 – 1971), organizado por Vidal e publicado em 2006. Com esta obra descobre – se que o Maranhão foi o terceiro estado brasileiro a implantar os grupos escolares.
- c) As escolas normais no Brasil: do império à república, organizado por Araujo, Freitas e Lopes, publicado em 2008. Nesta, a do Maranhão se apresenta como uma instituição tardia, a ser implantada no território brasileiro.

Mais três outras coletâneas encontram – se em andamento como: A outra escola normal; A germinação dos grupos escolares e o Intelectual maranhense da escola nova, na década de 1940. As duas primeiras encontram – se no prelo e a última, em fase de elaboração.

Estas alternativas vêm propiciando a inserção do legado da história da educação no Maranhão, portanto em um contexto situado, que ajuda a se entender a educação e a formação da sociedade brasileira, envolvendo os seus múltiplos espaços e, por conseguinte, abrigando e interagindo com a diversidade.

Considerações finais

Desta feita, ao apresentarmos alguns fragmentos deste legado, ecoam as palavras de Nóvoa (2005) de que a produção histórica não serve só para descrever o passado, mas para colocarmos perante um patrimônio de idéias, de projetos e de experiências; pois o trabalho

histórico é muito semelhante ao trabalho pedagógico, por estarmos lidando com a experiência e a fabricar memória. Sobre esta nossos historiadores maranhenses, apesar de quase todos serem educadores não lhes deram a devida atenção em suas construções, retardando a inserção de um legado no campo da história da educação brasileira.

Presume – se que essa ausência tenha refletido, de certo modo, no estágio pouco avançado da educação maranhense, porque precisamos compreender que mudança se faz sempre a partir de pessoas e de lugares concretos.

Referências Bibliográficas

ABRANCHES, Dunschee de. **O Captiveiro** (memórias). Rio de Janeiro: s/e, 1941

ABRANCHES, João Antonio Garcia de. **O espelho crítico e político da Província do Maranhão**. Lisboa: Typographia Rolandiana, 1821

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil: história e legislação (1500-1889)**, SP: EDUC/ Brasília; INEP/ MEC, 1989.

CANEDO, Eneida Vieira da Silva Ostria de. Por que criar institutos históricos e geográficos? In: **Revista do IHGM**. São Luís: IGM, nº 27, 2007.p.

DIAS, Antonio Gonçalves. Exames nos arquivos dos mosteiros e das repartições públicas para a coleção de documentos históricos relativos ao Maranhão. In: **Revista do IHGB**, nº 16, p.. 370 a 384, 1853.

LIMA, Carlos de. **Historia do Maranhão: a colônia**. São Luís, Instituto Geia, 2006

MOTTA, Diomar das Graças. A emergência dos grupos escolares no Maranhão. In: Vidal. Diana Gonçalves (org.) **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 – 1971)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p. 141 – 152.

_____, Diomar das Graças e MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. O Maranhão e a reconstrução educacional (1952 – 1964). In: ARAUJO, Marta Maria de e BRZEZINSKI, Iria (orgs.). **Anísio Teixeira na Direção do INEP: Programa para a reconstrução da Nação brasileira (1952 – 1964)**. Brasília – DF: INEP, 2006, p. 227- 250.

_____, Diomar das Graças e NUNES, Iran de Maria leitão. Escola Normal: uma instituição tardia no Maranhão. In: ARAUJO, José Carlos Souza; FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de, LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **As Escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008, p. 299 – 308.

NÓVOA, António. Apresentação: In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.) **Histórias e Memórias da educação no Brasil**, vol. III: século XX. Petrópolis, RJ: 2005.

_____, **Evidentemente**. Histórias da Educação. Porto: ASA Editores, 2005.